



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**CERVANTES ENTRE A LOUCURA E A LUCIDEZ:
CAVALARIA, IGREJA E “LENDA DOURADA” NA SACRALIZAÇÃO
DO MEDIEVO OCIDENTAL**

José Henrique Bernardo da Silva

**Campina Grande - PB
2009**

José Henrique Bernardo da Silva

**CERVANTES ENTRE A LOUCURA E A LUCIDEZ:
CAVALARIA, IGREJA E “LENDA DOURADA” NA SACRALIZAÇÃO
DO MEDIEVO OCIDENTAL**

**Monografia apresentada ao Curso de
História, da Universidade Federal de
Campina Grande, como parte dos
requisitos para a obtenção do Título de
Bacharelado em História.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marinalva Vilar de Lima

**Campina Grande - PB
2009**

José Henrique Bernardo da Silva

APROVADA em: ____ / ____ / ____

Comissão Examinadora

Prof.^a Dra. Marinalva Vilar de Lima (UFCG)

Orientadora

Prof. Dr. José Benjamim Montenegro (UFCG)

Examinador

Mestrando Joaquim de Melo Azevedo Sobrinho Neto (PPGH/UFCG)

Examinador



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

Ao meu filho Otávio

AGRADECIMENTOS

A Deus, aos meus familiares, em especial à Professora Marinalva Vilar de Lima, que incentivou os acadêmicos da minha turma desde o início do curso nas disciplinas de História Antiga e Medieval Ocidental, e a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para a conclusão dessa pesquisa.

Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas.

(Michel de Certeau)

RESUMO

Compreender as tramas e o universo social em que as pessoas são forjadas é antes de tudo magnífico. Foi pensando nisso que nos embrenhamos em pesquisar sobre o imaginário em que viviam as pessoas no final do século XIII, no medievo ocidental, e, portanto, nos enveredamos pelo caminho voltado à história cultural. Saber como os romances de cavalaria disseminaram o pensamento cristão, forjado pela Igreja Romana, de maneira que suas influências encontram-se presentes até hoje no nosso cotidiano. Como através da “Saga dos Cavaleiros” as pessoas eram moldadas pelos preceitos simbólicos de uma cristandade que se expandia e eram facilmente dominadas pela ordem eclesiástica, ordem esta que controlava o acesso a cultura e a leitura de uma forma geral e que há séculos mantinha predominante sua doutrina. Através de Cervantes, podemos perceber como foi construída, com toda sutileza, uma forma de romper com essa “verdade maior”. Portanto, nesta pesquisa, pretendemos observar como o discurso cervantino, através de *Dom Quixote*, dá um ressignificado à “Lenda Dourada”, tentando, com isso, legitimar uma nova forma de pensamento, visto que àquela forma de se ver o mundo já não mais correspondia a uma realidade.

Palavras-Chaves: Cavalaria; Igreja; “Lenda Dourada”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: O alvorecer da ordem de cavalaria e sua relação com a Igreja do medievo ocidental	18
Capítulo II: Sátira cervantina e vulgarização da “Lenda Dourada”: em busca de uma ruptura com a ideologia da fé	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXO	48

INTRODUÇÃO

A invenção da Idade Média, cuja temporalidade reflete a uma época marcada pela “Lenda Dourada”,¹ caracterizada por contos que enfatizam a figura das donzelas em apuros, dos benfeitores cavaleiros andantes, defensores dos fracos e oprimidos, foi materializada através dos romances de cavalaria². Estes foram responsáveis por dar uma nova conotação à função exercida pelo cavaleiro medieval, bem como serviram para forjar uma concepção de totalidade e unidade no mundo medieval, cuja sobrevivência se deu até os dias de hoje. Desvirtuaram, sobretudo, no final do século XIII, os ideais da nobreza do Ocidente medieval, representada pela imagem da cavalaria. Com isso, imortalizaram, em seu discurso, não apenas os preceitos aristocráticos, mas também toda uma doutrina religiosa que, ao longo dos séculos, moldava aquela sociedade.

A historiografia influenciada pela “Lenda Dourada” acabou por solidificar essa idéia distorcida da cavalaria medieval. No entanto, a Nova História Cultural acabou engajando, em meados do século XX, um processo de ressignificação, cuja evolução encontra-se hoje em andamento. Novas técnicas passaram a enriquecer a metodologia de pesquisa possibilitando uma prática historiográfica a partir de novos sujeitos agentes da História.

De acordo com o historiador francês Jacques Le Goff (2002), é possível se afirmar que o medievo apresenta-se, considerando-se o seu lugar de fala, sob vários ângulos: ora nostálgico, quando nos remetemos a um mundo romanesco; ora negativo, quando tomamos como referência a obscuridade e a ignorância, que logo, na concepção de Idade Média, remetemos ao controle da sociedade por parte da Igreja. O referido historiador também procura quebrar o vínculo com o tempo de caráter europeizado, o qual divide a história em grandes blocos, mostrando que características de ruralidade e feudalidade podiam ser

¹ A “Lenda Dourada”, segundo Le Goff e Schmitt, foi apropriada pelo Romantismo durante o século XVIII na Europa. Ver LE GOFF, Jaques e SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol I. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2002, p. 539.

² A literatura apropriou-se de heróis da cavalaria como Roland, Olivier e Guilherme, reunindo realidade e mito e até mesmo quando da sacralização do profano Graal pela Igreja, que engendrará a saga da cavalaria cristã, cujos heróis serão também absorvidos por essa literatura, a exemplo dos do ciclo arturiano. Idem, *Ibidem*, p. 196-197.

encontradas, a exemplo, na França do século XVIII. Volta-se o autor para uma abordagem do ponto de vista da Nova História Cultural, a qual lhe permite um estudo em menor escala, tornando possível um maior aprofundamento da pesquisa. Antes, quando se falava em mentalidades, logo, associávamos a um sentido muito mais amplo.

Sendo assim, este grande medievalista buscou apontar as falhas de uma historiografia unitária, permitindo evidenciar os mais diferentes contextos, cujas percepções podem ser absorvidas desde a ordem da cavalaria medieval até o Império Carolíngio; das conquistas “bárbaras”, em uma Antiguidade tardia, à presença mulçumana na Península Ibérica; da ruralização feudal à sofisticação de Bizâncio³. Diante da visão de Le Goff, é possível se afirmar que a Idade Média, como conhecíamos até então, não existe. Esta se apresentou sob vários olhares, os quais variaram de acordo com a região e a época. Portanto, a historiografia, ao generalizar a Idade Média como obscura e rural, não está evidenciando uma aproximação da verdade, pelo contrário, oculta as características multifacetadas desse período.

Diante da leitura do clássico da literatura espanhola, título original – *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, publicado em 1605, de Miguel de Cervantes Saavedra, podemos perceber que a “Lenda Dourada” foi um dos elementos que ajudou a construir essa concepção de totalidade da Idade Média. A obra busca inicialmente denunciar, a partir da imagem de um cavaleiro distorcido, a invenção desse período da História. Desta forma, o romance de cavalaria passa a ser entendido como responsável por criar e imortalizar heróis medievais através da literatura. Portanto, foi corrosivo a figura de um cavaleiro medieval já decadente, pelo simples fato de reinventá-lo.

Após escolhermos o *Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha* como fonte surgiu a preocupação com a tradução. Qual seria a mais coerente para ser utilizada na pesquisa? Resolvemos eleger a tradução de autoria dos Viscondes

³ Havia uma dualidade entre a Cristandade ocidental e Bizâncio. A cidade grega apresentava um sistema de organização administrativa, econômica e de leis, com base no direito romano, muito mais avançada do que a Cristandade “bárbara” e ocidental que moldava esses conceitos aos ensinamentos sagrados. Era a representação de uma estrutura de cidade sofisticada ante a uma ruralização feudal ocidental. Ver LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Vol. I. Trad. Manuel Ruas. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

de Castilho e Azevedo (1876-1878) – por ser a primeira realizada para a língua portuguesa e a primeira a chegar ao Brasil, sendo ainda hoje a mais utilizada nas reedições e adaptações pelo país afora. Essa tradução apresenta uma linguagem mais erudita, em relação às adaptações que já existem, cujo discurso é mais acessível, além do que a maior parte dessas adaptações são ou foram apropriadas para a literatura infantil ou correspondem a um critério mercadológico. Na escolha ficamos restritos ao primeiro livro (1605), tendo em vista que o segundo volume de *Dom Quixote*, publicado em 1615, foi influenciado por um sentimento de acerto de contas de Cervantes para com o escritor falsário Fernandez Avellaneda, que afrontou Cervantes, publicando uma segunda parte da obra no ano anterior (1614).

Evidentemente, em se tratando da obra de Cervantes, cuja comparação com relação à quantidade de traduções é similar apenas à Bíblia cristã-judaica, ficando esta última em primeiro lugar e *Dom Quixote*, assumindo uma segunda colocação, é necessário deixar claro que a tradução desses dos dois viscondes portugueses realizada no século XIX apresenta diversos problemas. Entretanto, não pretendemos que esta pesquisa se enquadre num caminho voltado para a crítica literária e sim para a prática historiográfica.

Dessa forma, a referida tradução terá o valor de fonte histórica. Através dessa fonte é possível evidenciar elementos que apontem características do objeto da pesquisa, sobretudo com relação à cristianização do Ocidente medieval no final do século XIII, podendo assim construir uma ponte entre a Igreja e o romance de cavalaria nos possibilitando perceber como a expansão da cristandade é representada nesse tipo de romance, quando a cavalaria medieval não tinha mais seu grandioso significado.

O personagem Dom Quixote é caracterizado pelo discurso cervantino que satiriza o cavaleiro andante dos contos. Podemos perceber ainda que esse discurso, através da loucura quixotesca, tem o objetivo de desmoralizar a imagem dos cavaleiros protagonistas da literatura, possibilitando mostrar uma verdade omitida, dissimulada pela “Lenda Dourada”.

A “Lenda Dourada” teria ajudado a manter na clandestinidade o controle do pensamento medieval pela Igreja Católica, controle, esse, que teria sido exercido mediante a construção e difusão de toda uma simbologia e valores cristãos,

propagados através da leitura desses romances. Todavia, atentemos para o fato de que o romance também forja a idéia de uma Idade Média obscura, haja vista o discurso cervantino voltar-se apenas para a realidade do exercício e centralização do poder religioso, desconsiderando, sobretudo, no seu próprio lugar de origem – a Península Ibérica –, o contato secular com a cultura árabe.

Outro ponto a ser levado em consideração é que o romance de cavalaria pode ser entendido como um, dentre vários, dos mecanismos utilizados pela Igreja ocidental na tentativa de controle do pensamento da sociedade do medievo ocidental. Consideremos o termo tentativa pelo fato de que a Igreja, embora buscasse controlar a mentalidade no universo de sociedade do Ocidente medieval, muitas vezes via-se diante de fatores que fugiam ao seu controle, como citado acima, o próprio contato que a Península Ibérica teve com a cultura mulçumana. Ainda podemos levar em consideração a produção de obras dentro dos mosteiros que chegavam a romper as fronteiras do controle exercido pelo poder religioso⁴.

Além do cavaleiro romanesco poder ser percebido como mecanismo de disseminação da cristandade, a própria ordem de cavalaria e sua relação com a Igreja, antes de sua decadência, foi outra forma de propagação da ideologia cristã, desde os tempos das Cruzadas.

A cavalaria emergiu num determinado contexto. Aproximou-se da Igreja e posteriormente fundiu seus valores. Assim serviu como um elemento propagador da cristandade. Os romances também passaram a surgir nessa época. Cabe evidenciar que surgiram não no sentido prosificado que conhecemos hoje, mas numa tradição oral. Logo, não teriam sido frutos puramente de invenção da Igreja medieval, muito embora tenham assimilado valores da ética cristã e que, de certa forma, o discurso romanesco tenha difundido a sacralização do Ocidente.

Para que possamos compreender a apropriação do romance de cavalaria como difusor de uma ideologia cristã, é necessário que remontemos ao momento em que a Igreja iniciou sua relação com os cavaleiros, mostrando sua trajetória, até a decadência, o que vem possibilitar a transfusão do cavaleiro medieval, propriamente dito, como difusor de uma ética religiosa, para um cavaleiro

⁴ Ver BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. 3. ed. São Paulo, Brasília: Hucitec, 1996.

romanesco. No entanto, é preciso perceber que o cavaleiro romanesco assimilou valores cristãos concomitantemente com o próprio cavaleiro medieval, tomando uma conotação mais veemente a partir da queda da cavalaria medieval, permitindo assim uma apropriação pelo poder religioso.

Cabe destacar que esta pesquisa procura centrar-se no recorte temporal que compreende o final do século XIII, cuja característica principal é a decadência da ordem de cavalaria. A partir desse ponto poderemos verificar como a Igreja medieval passa a perceber o romance de cavalaria, através da imagem de um cavaleiro simbólico, como uma ferramenta importante que poderá dar continuidade à cristianização do Ocidente medieval, haja vista que o cavaleiro moldado, desde as Cruzadas, não prescindia de mais força para continuar tal projeto.

O medievo ocidental, sobretudo a Península Ibérica, passou a assimilar um maior nível de sofisticação técnico-científica a partir do contato com os árabes, do século VIII ao XII. Não só houve esse contato com inovações, mas com a cultura clássica, sobretudo a grega⁵, com a qual os mulçumanos já tinham tido contato. Isso vem a reforçar a idéia de evolução da infantaria para uma forma mais aprimorada, a ponto de destituir a ordem de cavalaria no final do século XIII, cujo papel era prestar serviço à Igreja como seu braço armado.

A escrita, que há tempos no Oriente já vinha sendo empregada, penetrou *a posteriori* no Ocidente medieval, no entanto, seu uso ficou restrito aos membros do poder religioso, como é o exemplo do acesso às obras clássicas, ou até mesmo quando nos referimos ao uso do latim clássico:

A igreja possuía, além disso, um interesse imediato no controlo do ensino para lutar contra as heresias: "A ignorância – dirá Isidoro de Servilha no VI Concílio de Toledo em 633 – é a mãe de todos os erros." 6

⁵ A presença da civilização árabe na Península Ibérica não pode ser vista apenas sob uma vertente negativa, haja vista ter trazido grande contribuição científica para a civilização ocidental. Na época, o poder eclesiástico agia de forma repressiva contra a difusão do conhecimento, enquanto que o Oriente mulçumano já tinha contato, na sua expansão, com a ciência, as artes, a literatura e a filosofia clássica. Ver a obra RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Trad. Ana Moura. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995, p. 93.

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 46.

Portanto, o controle intelectual de uma maneira geral servia para manter firme sua ideologia. O contato com a cultura árabe, que ocorreu na Península Ibérica, considerando sua dinâmica, pode ser entendido como uma forma de quebrar o controle da sociedade medieval exercido pela Igreja. Sendo assim, o discurso cervantino que dissemina uma Idade Média obscura pode ser percebido a partir desse ponto como falho.

Diante da decadência, ou seja, da queda da cavalaria medieval no final do século XIII, as novelas de cavalaria passariam a remeter os cavaleiros a uma nova finalidade: à postura do cavaleiro andante, imortalizado através desse discurso literário como defensor dos fracos e dos oprimidos, aquele que seria responsável por custodiar e manter a incolumidade das donzelas indefesas. Portanto, o conto de cavalaria vincula a figura do cavaleiro medieval a um destino lendário, aventureiro e heróico. Constitua-se assim a “Lenda Dourada”. As novelas de cavalaria contribuiriam para a conquista da fama imorredoura dos heróis medievais, consolidando a identidade desse cavaleiro, que se formou e evoluiu de forma distorcida, tomando como referência não apenas a perspectiva romancista, mas, também, outras influências, a exemplo da ideologia cristã.

Em meio a inúmeras possibilidades de pesquisa, no trato com as fontes históricas, a literatura surge como um campo fundamental de interdisciplinaridade que permite um diálogo com a História. A busca pela complementação entre História e Literatura, após prolongada trajetória de disputa, foi reiniciada através dos esforços de Lucien Febvre (*Annales*), tendo sua escola sido responsável pela introdução da Nova História, na França. Como afirma Maria Teresa de Freitas:

[...] os escritores buscam no acontecimento histórico um meio de representar uma realidade, de retratar uma época e uma sociedade, de “fixar” momentos de importância universal, de descobrir os mistérios escondidos por trás de uma trama de acontecimentos... A História foi, sem sombra de dúvida, uma fonte permanente de inspiração para os romancistas.⁷

Ao transformar o acontecimento histórico em ficção lendária, a criação literária sobreviverá à História, e

⁷ FREITAS, Maria Teresa de. **Literatura e história**: o romance revolucionário de André Malraux. São Paulo: Atual, 1976, p. 3.

seu autor à morte; trata-se da 'permanência do homem no fundamental' [...]⁸

Destarte, na presente pesquisa a fonte principal é o clássico da literatura espanhola *Dom Quixote* (1605), por se tratar de uma obra que eclode em uma época de desabrochamento de uma nova forma de encarar o mundo. Essa época foi moldada por um discurso contraditório ao pensamento que vigorou no medievo ocidental, responsável por homogeneizar uma idéia de “séculos de ferro” e de “Idade das Trevas”, tendo como pretensão o despertar da luz⁹, no entanto ocultando a construção de uma nova ideologia necessária ao seu sustentáculo. Foi essencialmente marcada pelo Renascimento Cultural e Artístico, pela Reforma Protestante, pela emergência dos Estados Nacionais e pelo despontar de uma nova classe que após a Revolução Francesa de 1789 inseria uma nova forma de mentalidade – a burguesia.

O objeto de estudo dessa pesquisa busca centrar-se na dura crítica cervantina ao controle dissimulado da Igreja, de forma que possibilite reforçar, através do universo cervantino, a retomada dos valores da Antiguidade Clássica. Portanto, o discurso cervantino prende-se a um medievo marcado pelo obscurantismo da ideologia da fé. Cervantes utiliza-se da insanidade de Dom Quixote para atacar a invenção da “Lenda Dourada”. A discussão remete ao eixo de contraposição da obra *Dom Quixote* aos tradicionais romances aventureiros de cavalaria, muito embora possamos verificar uma obra que se atenha com relevância à Idade das Trevas, quando particulariza o obscurantismo. É interessante também lembrar que o lugar de fala de Cervantes, a Espanha, foi fortemente influenciado pela Igreja Católica, em sua visão experienciada na Península Ibérica, região marcada pelo período mulçumano. A Igreja Romana construiu um forte discurso de combate através da Reconquista cristã¹⁰.

A desmistificação da identidade do cavaleiro medieval que conhecemos hoje é inevitável, seja o cavaleiro medieval visto através do ensino médio e fundamental, seja o cavaleiro visto através do cinema, dos programas televisivos, dos desenhos animados, das revistas, dos quadrinhos, dos jornais, dos contos

⁸ Ibidem, p. 87.

⁹ Ver ODALIA, Nildo. A liberdade como meta coletiva. In: PINSK, Jaime e PINSK, Carla Bassanezi (orgs.). *História da cidadania*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 159-168.

¹⁰ RUCQUOI, op. cit., p. 215-306.

populares, da literatura de cordel etc. Com relação à desconstrução da “Lenda Dourada”, nos acostamos às pesquisas da Nova História sobre o medieval que têm desenvolvido análises voltadas para as mentalidades, ou, mais precisamente, para a Nova História cultural, a exemplo das contribuições de Le Goff¹¹.

A nosso ver, Cervantes, com o seu *Dom Quixote*, desmascara o mito do cavaleiro medieval romanesco, cuja decadência é utilizada pelos renascentistas como forma de exercer pesada crítica ao controle do conhecimento por uma ideologia que agia através do instrumento do medo e da fé em Deus, doutrinada na ideologia da Igreja cristã do Ocidente medieval, como verdade maior e imponderável.

O autor voltou às origens e requereu para si a imagem do cavaleiro medieval, invertendo seus valores, isto é, passou a negar a imagem fundida pelas tradicionais novelas. Portanto, esta grande obra será de fundamental importância como ponto de partida para a reconstrução e ressignificação da identidade do cavaleiro medieval, cujo enrijecimento se deu através das já mencionadas novelas de cavalaria.

Esse estudo verticaliza a decadência do cavaleiro medieval e o fenômeno de assimilação deste pelo cavaleiro romanesco. Para tanto, mostramos como Cervantes construiu seu personagem para destruir a figura do cavaleiro medieval fabricante de ilusões, ainda que a imagem deste cavaleiro, antagonizado em sua obra, tenha sido pura invenção da literatura, o que permitiu uma apropriação por parte do poder religioso. A partir daí será possível perceber como a Igreja medieval utilizou-se desse discurso literário, imortalizando o mito da cavalaria, no sentido de dar continuidade à expansão da cristandade ocidental.

Esta pesquisa teve como base a análise da historiografia sobre a Idade Média que possibilitou o cotejamento do romance que elegemos como fonte. Norteados por esse interesse, organizamos o trabalho em dois capítulos. No primeiro discutimos a eclosão do universo da cavalaria medieval e o seu relacionamento com a ordem religiosa até o final do século XIII, quando por motivos que serão elencados, a cavalaria medieval perde seu tão importante prestígio.

¹¹ O historiador francês Jacques Le Goff foi um dos primeiros estudiosos a explorar o imaginário medieval, pertencente a essa linha das mentalidades.

No segundo capítulo dialogamos diretamente com *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, articulando o discurso cervantino com a realidade da cavalaria no final do século XIII, bem como com a realidade do cavaleiro romanesco, possibilitando a percepção de que Cervantes objetiva a todo tempo romper com a ideologia da fé, valendo-se, para tanto, de um personagem insano, para legitimar a denúncia de uma realidade omitida. Análise que nos permitiu estabelecer algumas considerações finais em que demonstramos as articulações discursivas entre o romance de cavalaria e a visão de mundo no contexto do medievo ocidental, com ênfase para o ideário da Igreja Católica, bem como, as inversões cervantinas deste ideário. Inferências que percebem uma forte recepção, por parte de Cervantes, de um ideário religioso, a que quer combater, fundido no centro da sociedade ocidental da experiência medieval. Assim, observamos que o discurso cervantino articula-se, inversamente, ao discurso de base da experiência a que Le Goff (1995) vai nomear de cristandade, visão de mundo que no contexto da Península Ibérica, vai ter força no período da Reconquista cristã¹² e vai nortear as principais tentativas de construção identitária da Espanha e Portugal modernos¹³.

¹² RUCQUOI, op. cit., p 215-306.

¹³ THEODORO, Janice. As cidades na época dos descobrimentos. In: **Pensadores, exploradores e mercadores dos mares, oceanos e continentes**. São Paulo: Scipione, 1998, p. 25-38.

CAPÍTULO I

O alvorecer da ordem de cavalaria e sua relação com a Igreja do medievo ocidental

O alvorecer da ordem de cavalaria e sua relação com a Igreja do medievo ocidental

A Idade Média no Ocidente não se apresentou de forma homogênea com relação a sua análise do ponto de vista temporal e geográfico. Fenômeno similar ocorreu com a ordem de cavalaria, cuja trajetória pôde transcorrer momentos diversos desde o seu surgimento, passando pelo apogeu, até sua queda, sendo, desta forma, bastante complexo o entendimento do universo cavalariano. Ainda assim, poderemos encontrar, na análise historiográfica, a exemplo dos historiadores franceses Jacques Le Goff, Georges Duby e Alain Demurger, uma espécie de mapeamento que nos possibilita um ponto referencial, tornando possível a compreensão da estrutura dessa ordem e os motivos por que passou a ter tão alta importância para a Igreja medieval.

Distintas ordens de cavaleiros ultrapassaram o medievo e chegaram até os dias atuais, todavia, restringe-se este trabalho a centralizar-se na ordem que sobreviveu à Idade Média e que serviu aos interesses da ordem eclesiástica. Cabe aqui deixar claro que a cavalaria surgiu inicialmente num campo de disputa entre o poder temporal e o poder religioso, embora depois viesse a representar a união dessas duas ordens¹⁴.

A cavalaria, antes de ser institucionalizada, encontrava-se no contexto de uma ordem eqüestre. Foi a partir daí que nasceram as ordens leigas de cavalaria, denominadas desse modo pelo fato de não possuírem vínculo religioso-militar. No entanto, posteriormente, essas ordens acabariam se encontrando e fundindo costumes. A partir de meados da segunda metade do século XII, a cavalaria, que ganhara a categoria de instituição e ordem, passou a representar uma força de sustento do imaginário da nobreza¹⁵.

Entretanto, cabe evidenciar que, nos primórdios, quando se encontrava apenas na condição de uma ordem eqüestre, teve sua relevância, não só no medievo ocidental, mas também na Antiguidade Clássica romana, exercendo grande papel nas legiões do exército – *militae* – desta civilização, sobretudo nas

14 LE GOFF, Jaques e SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário temático do Ocidente medieval. Vol I, Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2002, p. 185-198.

15 Idem, ibidem, p. 185-198.

conquistas de territórios. O uso do cavalo remonta aos combates de que tomaram parte os hititas¹⁶ da Ásia menor. Todavia, foi a partir de Roma que a ordem eqüestre passou a engendrar um processo evolutivo, pelo qual chegaria até a sua forma contornada nessa pesquisa – a cavalaria medieval. Esta posteriormente associou-se a valores éticos e morais, surgindo então como uma grande força notória e de características marcantes. Nessa perspectiva, o modelo romano serviu de alicerce para a cavalaria medieval¹⁷.

Após a queda do Império Carolíngio, os reis e os príncipes dos reinos “bárbaros” perdiam poder e o Ocidente passava por uma transformação econômica, inserindo-se no que viria a se tornar o modelo feudal. Os nobres passavam a formar uma força, um braço armado capaz de protegê-los de outros nobres e, assim, ter o controle de suas terras, bem como de cobrar impostos, podendo também oferecer proteção. No entanto, estava nascendo uma verdadeira máquina de guerrear, cuja relevância assustava a ordem clerical, a qual de imediato sentiu a necessidade de contratar cavaleiros para a proteção do seu patrimônio e de seus bens, assim como de seus integrantes.

A Igreja não fica indiferente ao progresso da cavalaria. Constatando o enfraquecimento do poder central, especialmente na França dos séculos X e XI, ela tenta proteger-se da fúria devastadora e saqueadora dos senhores da guerra, que são os potentados locais, castelões à frente de seus cavaleiros. Ela confia a defesa dos estabelecimentos eclesiásticos, de seus bens e pessoas, a outros castelões ou a outros guerreiros recrutados para essa finalidade. Esses defensores de igrejas cumprem missão protetora antes reservada a reis e príncipes.¹⁸

A essa altura a cavalaria já carregava como herança os preceitos da ideologia nobre, a qual a havia formado, dentro de um campo que não dispunha de um poder central. Tornava-se uma verdadeira máquina de guerrear, de saquear, de manter a ordem sob coerção e de cobrar impostos quando necessários, à medida que os reinos se dividiam em principados e ducados. É

¹⁶ Ver LEVEQUE, Pierre. **As primeiras civilizações**. Vol II. A Mesopotâmia / os Hititas, Lisboa: Edições 70, 1997.

¹⁷ DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Trad. Maria Helena Costa Dias. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994, p. 325.

¹⁸ LE GOFF e SCHIMITTH, op. cit., p. 185.

bom deixar claro que diante da desfragmentação do Império Carolíngio, as regiões que compunham o império tiveram traços mais fortes desse fenômeno, França, Alemanha, Itália e parte da Península Ibérica. Diante de tão contundente ameaça a Igreja tratou de se defender desses castelões e senhores da guerra. Passou a contratar seus próprios cavaleiros, a fim de defender seus membros e patrimônio. Portanto, nesse momento, houve uma fusão dos ideais nobres com a doutrina da ideologia cristã, de forma gradativa.

A Igreja primitiva necessitava mudar seus princípios em relação à violência e isso já havia sido implantado desde a época de Constantino, quando o cristianismo tornou-se religião oficial do Império Romano e foi necessário à própria Igreja adaptar-se àquela cultura que antes era pagã. A própria doutrina agostiniana passava a defender o uso da força contra os inimigos de Roma. Desse modo, a Igreja já possuía em mãos um instrumento capaz de proporcionar um diálogo com os cavaleiros e assim poder empreitar sua campanha na Terra Santa, enfim, poderia sacralizar esses grupos de homens hostis. Era evidente a necessidade de discipliná-los, convertê-los.

[...] por volta de 1150 pelo *Decreto* de Graciano, texto que está na base do direito canônico: “Uma guerra é justa se travada com intenção honesta, sob a direção de uma autoridade legítima e com um objetivo defensivo ou de retomar um bem injustamente usurpado.” Dois domínios eram assim delimitados: o da violência ilegítima exercida contra inocentes por cupidez e busca da glória vã – guerras privadas, vinganças, saques – e o da violência legítima exercida por uma autoridade pública, rei, príncipe ou, em caso de omissão da autoridade pública, bispo, papa.¹⁹

Aos poucos a Igreja introduzia símbolos que possibilitavam a difusão da Cristandade, através da implantação de valores morais e éticos. Uma das medidas tomadas foi proibir que os cavaleiros matassem membros do clero, utilizando-se para tanto de sanções espirituais, capazes de propagar o temor, o medo, mas, ao mesmo tempo, a coragem e o vínculo a uma causa. A questão estava não na proibição de matar, mas saber a quem matar e a morte passava a

¹⁹ DERMUGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média (sécs XI-XVI)*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 20.

ser permitida focalizando um inimigo comum. Entra em cena o discurso dos inimigos de Deus: os infiés²⁰. Era preciso converter a qualquer custo. A Igreja criou uma base de sustentação que lhe permitiu chegar em um estágio, no qual tinha em mãos quase todo o controle da sociedade do Ocidente medieval, sobretudo nas regiões em que sua presença era forte. Ainda que tenha se adaptado à idéia de morte, seus membros teriam o papel de manter os ensinamentos do cristianismo primitivo.

A proibição de derramar sangue persiste para os eclesiásticos e, sobretudo, os monges, que em vários campos aparecem como herdeiros e continuadores dos primeiros cristãos de quem perpetuam certos valores, particularmente os da não violência.²¹

Uma vez havendo um diálogo entre o poder laico e a ordem religiosa, estava instituída a ordem de cavalaria, contudo, nesse estágio em que se encontrava, já não era qualquer um que podia acessá-la, tornar-se cavaleiro. A cavalaria era referência de posição social, era a essas alturas a representação de um título nobiliário. Ser membro da cavalaria significava sustentar um círculo aristocrata.

De volta à discussão sobre os pontos comuns que elevaram a ordem de cavalaria a tão eminente importância no medievo ocidental, bem como os motivos que a imortalizaram e a desvirtuaram após sua decadência, é possível se perceber, através da historiografia pesquisada, que desde o período em que a Igreja buscou formar seu braço protetor, que estará muito próximo da primeira Cruzada, os romances passaram a utilizar a imagem do cavaleiro construída dentro desse simbolismo cristão, que se aperfeiçoava com o passar do tempo. Assim, os romances acompanharam o progresso que levou ao imaginário do feudalismo, porém transporiam a ordem após sua decadência, imortalizando heróis e desvirtuando a imagem do cavaleiro.

A base da cavalaria na Idade Média foi construída sob a influência das Cruzadas. Na ocasião, eram seguidos os preceitos da Igreja, que se relacionava com forte imposição sobre essa ordem. Por conseguinte, a cavalaria, em uma de

²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 20.

²¹ LE GOFF e SCHMITTH, *op. cit.*, p. 191.

suas vertentes, assumiu a função de braço protetor da Igreja. O exemplo disso era a defesa de peregrinos nas rotas para Jerusalém. Porém, naquela circunstância, estava apenas evoluindo para alcançar sua mais suntuosa importância.

Outro fato instigante é que a ordem de cavalaria, embora estivesse ligada à Igreja, desde os tempos das Cruzadas, não era formada por religiosos. A Igreja garantia aos cavaleiros o paraíso e a remissão dos pecados, não havendo a necessidade da interferência de qualquer outro membro por ocasião da morte de um desses guerreiros, em troca recebiam o apoio da instituição para defender-se de outros cavaleiros que eram o braço armado dos castelões. Esse apoio foi aos poucos construído pela Igreja, sendo legitimado pela inserção de símbolos que semeariam a doutrina cristã. O pagamento por servir à Igreja e a Deus já estava garantido antes do término da missão. O poder da ordem clerical era legitimado através do instrumento do medo, das sanções divinas, do castigo do purgatório, do conceito de inferno. Isso caracterizou fortemente a mentalidade do Ocidente medieval. O domínio dos males que afligiam a alma era uma forma de manter viva, de forma ascendente, a Cristandade, influenciando dessa maneira o pensamento, que pregava uma vida de servidão a Deus, a qual seria recompensada com a ascensão pós-morte rumo ao paraíso²².

Portanto, através da ordem de cavalaria, a Igreja pôde expandir seu poderio. Por outro lado, os príncipes e nobres descobriram um meio proveitoso de manter suas posições e reavivar o império, ainda mais quando podiam ficar em crédito com Deus. Logo, as Cruzadas representaram a união entre o poder temporal e o religioso. No medievo ocidental havia um diálogo entre esses dois poderes, que ora andavam de mãos dadas, ora disputavam determinadas posições.

Logo a seguir ao ano Mil, duas figuras parecem conduzir a Cristandade: o papa e o imperador. O seu conflito vai ocupar o primeiro plano ao longo de todo o período. Primeiro plano de um palco de ilusões

²² Ver DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Trad. Maria Helena Costa Dias. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994.

atrás do qual vão passar-se as coisas mais importantes.²³

A cavalaria, em seu momento de apogeu, por volta do século XII, passou a ser instituída como uma ordem, sendo submetida aos ritos sacramentais da Igreja - *sacramentum militae*.²⁴ A especialização militar dava lugar a um posicionamento de nascimento, a uma casta hereditária que representava a autoridade senhorial, que necessitava de ritos prescritos. As solenidades tornaram-se cada vez mais suntuosas. Os santos militares eram invocados nas cerimônias de ordenação: Sebastião, Jorge e Maurício. O cavaleiro recebia o seu gládio, cujo poder simbólico era equivalente ao da coroa de um rei.

Tal como o sacerdócio, a cavalaria é pois, daqui em diante, encarada como um estado a que se acede por ordenação, como se tratasse de uma *ordo*, no sentido em que a Igreja, seguindo a república romana, dava a este termo. Entra-se nela por ritos sacramentais [...]²⁵

A vida do jovem que se iniciava na cavalaria estava repleta de aventuras desportivas, o que lhe exigia e também lhe rendia alto preparo técnico e físico. Esses atributos eram testados tanto nos combates como nos torneios, que foram condenados posteriormente pela Igreja, a qual utilizou o argumento de que os jogos eram repletos de profanidade. Essa iniciativa pode ser entendida como uma das formas gradativas de que a Igreja se utilizou para moldar o cavaleiro. Este último, declarado por rito sacramental, tinha plena consciência de que sua espada estava a serviço de Deus.

O ordenamento da cavalaria tornou-se cada vez mais opulento, chegando ao ponto de se transformar em ato público em dias festivos, com toda uma representação simbólica de uma data comemorativa. Consequentemente, converteu-se em uma ordenação de grandiosidade e poder simbólico, palco de difusão dos costumes e da cultura do medievo ocidental e de representação do imaginário da nobreza.

²³ LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Vol I. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 131.

²⁴ A Igreja adornava os ritos de declaração do cavaleiro. Para tanto, utilizava-se de figuras de santos que serviram exércitos, sobretudo o romano. Ver DUBY, 1994, op. cit., p. 325.

²⁵ DUBY, 1994, op. cit., p 321.

Com o nascimento da cavalaria, as pessoas se viram possibilitadas a ascender socialmente. Utilizavam dessa ordem para se estabelecerem em uma nova posição, a qual não as elevava ao topo, entretanto, tinha um grande significado pelo fato de diferenciá-las da posição social em que se encontravam os menos favorecidos, a qual trazia um sentimento de vulgaridade.

Cabe aqui deixar claro que a ascensão social foi um fator de grande notoriedade, sobretudo na Península Ibérica, após as Guerras de Reconquista (batalhas entre cristãos e mulçumanos). Portanto, quando nos referimos à região germânica ou a França nos deparamos com outra realidade. O imaginário do homem do Ocidente medieval estava lançado sobre a figura do cavaleiro. Por conseguinte, é possível se afirmar que se contrastavam na formação de um exército elementos da nobreza feudal e camponeses, isto é, embora existisse a figura do cavaleiro medieval, a maioria que compunha as forças de combate de um exército era arregimentada entre os camponeses, os quais recebiam a promessa de ascensão social e até mesmo a posição de cavaleiro – *Caballero* – caso particular da Península Ibérica.²⁶

Esse contraste também era marcado pelas armas utilizadas. Os camponeses adaptavam, na maioria das vezes, instrumentos agrícolas para serem utilizados como arma. Logo, a cavalaria se tornou importante na Alta Idade Média, era uma verdadeira instituição que traduzia o imaginário da sociedade medieval. Um fato importante a ser destacado na Península Ibérica foi a união de várias confrarias de cavaleiros para combater um inimigo comum – os árabes. Com isso, a cavalaria medieval foi transformada em braço forte dos exércitos nas guerras medievais.²⁷

Quando atingiu seu ápice, servindo de símbolo de poder e invejada posição, a ordem confundiu-se com *status*, traduzindo o imaginário da nobreza. Também, é claro, representava força e perícia. Todavia, em certo momento, essa função, inicialmente técnica, foi substituída pelos valores que corresponderam ao imaginário da cavalaria. Na verdade, a essência da cavalaria medieval transformou-se em função ética, a qual tinha a finalidade de servir de referencial

²⁶ RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Trad. Ana Moura. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995, p. 217.

²⁷ Idem, p. 217.

para a elite dos combatentes a cavalo. Poderíamos usar o termo empregado por Le Goff, o qual deixa claro que ser cavaleiro não significava apenas “fazer cavalaria”, estava para muito além da condição militar. Esse fenômeno é posterior às grandes operações de guerra empreendidas pela cavalaria medieval.

É importante destacar que a nobreza, ao buscar sua inserção em um referencial, sentiu, antes de tudo, a necessidade de retomada dos valores da Antiguidade Clássica romana, como a moral, a ética, os direitos e os costumes. Em uma amálgama de valores clássicos com os valores da cavalaria, a ordem do cavaleiro é instituída no mais alto grau de nobreza. Por conseguinte, para aquela sociedade ser nobre não significava apenas uma posição, mas deveria ter o seu devido revestimento de magnificência. Ser nobre e ser cavaleiro era, antes de tudo, viver com estilo e cultuar sua posição perante a sociedade.

Retomando a instituição do cavaleiro de origem nobre, este, antes de ser declarado, além de despender uma grande soma em dinheiro, iniciava seus treinamentos desde a infância, logo, tinha um grande preparo físico para suportar a espada, a lança e os materiais de proteção: escudo, armadura etc. É possível, conseqüentemente, afirmar que o cavaleiro medieval provinha de classe abastada.

Na segunda metade do século XII, mais precisamente no seu último quarto, observa-se a emergência da figura do escudeiro, uma espécie de reserva, aspirante ou aprendiz do cavaleiro – *Armiger*, que possuía, no entanto, um título forjado para que não se confundisse com a gente vulgar, utilizando-se das palavras do historiador Georges Duby.²⁸

A cavalaria medieval, na verdade, surgiu dentro de uma hierarquização na qual foi mantida, podendo se afirmar, em determinado momento, que, nessa estrutura, havia plenas condições de identificação daqueles que comandavam e dos que eram comandados. No entanto, esses são fatores observados já na passagem do século XII para o século XIII, quando a cavalaria, que já havia sido institucionalizada, tornando-se uma alta estrutura, deixou de pertencer apenas a

²⁸ DUBY, 1994, op. cit., p 321.

uma cúpula da nobreza e acabou recebendo influências diversas de pessoas que afloraram de posições de menor condição social.²⁹

Foi a partir desse momento que os brasões foram vulgarizados. Houve, a partir desse fenômeno, uma relação hereditária entre fidalgos e vassalos, já caracterizando um momento de fragmentação da cavalaria e também da posse de terras pelos senhores.

Essa fragmentação das possessões de terras começou quando da divisão contínua com os herdeiros e parentes, e agora passava para uma relação entre senhores e vassalos.³⁰ Esses fatores serviram de marco para o processo de decomposição feudal, significando o rompimento da lei de primogenitura³¹. Todavia, é necessário deixar claro que a ascensão social foi um fator que ocorreu de forma heterogênea, não significou uma absorção de toda a totalidade da cavalaria medieval.

Diante da exposição anterior, é possível reforçar o posicionamento do historiador Jacques Le Goff, que defendia um medievo descentralizado, um medievo de forma multifacetada. Também, é claro, através desse contato com a Antiguidade Clássica através da literatura e da cultura de uma forma geral árabe, durante todos esses anos que a Igreja, embora tentasse controlar a sociedade do Ocidente, havia sempre espaços que poderiam ser rompidos. Portanto, Cervantes, ao caracterizar a Idade Média como obscura, através do controle da Igreja, focalizando apenas o mundo da ordem religiosa, forja uma concepção em bloco que se consolidaria anos mais tarde, desvirtuando esse período. Dentro do próprio Ocidente foi perceptível condições que propiciaram o rompimento desse controle religioso. A cultura árabe, de forma a fundir-se com valores ibéricos, foi um dos elementos que caracterizaram essa quebra de controle.³²

Bem antes da ascensão da cavalaria medieval como ordem, a infantaria teve seu auge, isto porque era de fundamental importância se ter homens

²⁹ Ver LE GOFF, Jaques e SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol I. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2002, p. 185-198.

³⁰ Idem, p. 185-198.

³¹ A nobreza transferia suas possessões e mando de poder hereditariamente, através da consuetudinária lei de primogenitura. Podemos evidenciar esse processo no estudo do testamento de Guilherme Marechal realizado por Duby. Ver **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Trad. Renato Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

³² RUCQUOI, op. cit., p. 93.

diretamente ostensivos ao terreno de combate e à defesa. Contudo, o cavalo tornou-se tão importante, assim como as armas e os apetrechos. Foi nessa perspectiva que o homem passou a dedicar-se ao manuseio da espada, lança ou maçal, sobre um cavalo.³³

Saber equitação era uma exigência. No entanto, após grande período de auge da cavalaria, a infantaria acabou por renovar suas técnicas, destituindo a importância e eficácia do cavaleiro. Um dos grandes investimentos da infantaria foi, além do uso do arco longo, a inserção das armas de fogo e da pólvora. Isto ocorria em plena época de efervescência em que, anos mais tarde, provocaria a emergência dos Estados Nacionais Modernos. Desta forma, surgia uma artilharia capaz de substituir a suntuosidade e eficácia dos acessórios que compunham a cavalaria medieval.

Outro ponto que é de fundamental importância foi a inserção de tecnologias até então não conhecidas pelo Ocidente. Através desse contato com os árabes. Esse foi um dos fatores que levou à queda da cavalaria e à superação de suas técnicas de guerra, fazendo com que permanecesse de forma fictícia nos romances.

Diante da decadência, ou seja, da queda da cavalaria medieval, as novelas de cavalaria passariam a remeter os cavaleiros a uma nova finalidade: à postura do cavaleiro andante, imortalizado através desse discurso literário como defensor dos fracos e dos oprimidos, capaz de manter as vicissitudes de uma doutrina que se intitulava justa. Constitui-se assim a "Lenda Dourada".

³³ LE GOFF e SCHIMITT, op. cit., p. 185-198.

CAPÍTULO II

Sátira cervantina e vulgarização da “Lenda Dourada”: em busca de uma ruptura com a ideologia da fé

Os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam furtivamente, como nômades através dos campos que não escreveram (Michel de Certeau)

Sátira cervantina e vulgarização da “Lenda Dourada”: em busca de uma ruptura com a ideologia da fé

O *Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra, inaugura para o mundo da literatura o romance moderno. É visto como uma obra que se sobressai por propor uma ruptura de pensamento no Ocidente, pensamento, este, que se encontrava ligado à filosofia escolástica. A florescência do mundo moderno exasperava mais ainda as contradições entre a razão e a fé. No entanto, *Dom Quixote* não se encontra inserido dentro de um posicionamento antioficial ou antiburguês, quando nos referimos ao lugar de onde se encontra o autor – segunda metade do século XVI e início do século XVII – o mundo da Renascença. Contudo, seu caráter antioficial volta-se para o medievo, sobretudo indo de encontro aos ideais da Nobreza e da Igreja.

Cervantes, através das proezas do protagonista Alonso Quijano, tenciona uma linha que sugere um caráter privado e pessoal, ainda que esteja ligado a uma arte influenciada nas formas de expressão camavalescas, as quais demonstravam formas de convivência e de relações entre as pessoas, não permitidas pelas normas morais e institucionais. Considerando o crítico literário russo Mikhail Mikhailovic Bakhtin³⁴, quando este se refere a François Rabelais, concluímos que as expressões camavalescas na obra desse francês equiparavam as relações sociais, ainda que de forma efêmera, isto é, enquanto durasse tal evento. Essas manifestações culturais do medievo ocidental acabavam por revelar o que estava preso na garganta da sociedade dos menos favorecidos, durante as manifestações culturais. E, por sua vez, a literatura rabelaisiana, sendo fortemente marcada por essas influências, tinha um caráter antioficial.

Assim como Rabelais, Cervantes bebe da mesma fonte, porém numa linha mais moderada, mais branda, mais desgastada, cuja direção se dava para um aspecto particular. Portanto, Cervantes é antioficial não em relação ao seu lugar de fala – início do século XVII ou precisamente ao mundo burguês emergente, mas em relação ao final do século XIII, essencialmente ao que é oficial e estava

³⁴ Ver BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. 3. ed. São Paulo, Brasília: Hucitec, 1996.

ligado às ordens da nobreza e do clero, que tinham concepções marcadamente voltadas àquela realidade histórica, vistas por Cervantes contraditórias à emergente luz da razão que estava por despontar.

[...] os corpos e objetos começam a adquirir, em Cervantes, um caráter privado e pessoal, e por causa disso se apequenam e se domesticam, são degradados ao nível de acessórios imóveis da vida cotidiana individual, ao de objetos de desejo e de posses egoístas [...] No entanto, esse processo está apenas começando em Cervantes [...] Isso constitui o drama original do princípio material e corporal na literatura do Renascimento [...] Na consciência artística e ideológica do Renascimento, essa ruptura ainda não se consumara por completo [...] O princípio material em crescimento, inesgotável, indestrutível, superabundante, princípio eternamente ridendo, destronador e renovador, associa-se contraditoriamente ao “princípio material” abastardo e rotineiro que preside a vida da sociedade de classes.³⁵

Esse processo de particularização pode ser percebido em *Dom Quixote*, quando os corpos e objetos começam a adquirir um sentido de domesticação, uma redução de um padrão universal para um padrão menor, egoísta, limitado. Essa possibilidade de leitura, segundo, Bakhtin, pode ser detectada na obra, conquanto possam ser percebidas influências das fontes medievais carnavalescas, denominadas por este de “realismo grotesco”. O autor apela para o riso, mas não num sentido exclusivamente satírico que se destina apenas à distração, mas que esconde a profundidade da reflexão e da razão. Enquanto Rabelais é antiestético, antioficial, antiburguês, em suma, foge aos padrões instituídos em uma época, Cervantes assume uma postura individualista, porém antioficial no que se refere ao medievo ou precisamente à Igreja e à nobreza.

O mundo, ao qual pertencia Cervantes ou, que lhe possibilitou a escrita de *Dom Quixote*, despontava em uma nova retomada de valores e de pensamento, cujo objetivo maior era centrar-se na busca da razão em quebra ao pensamento controlado pela filosofia da fé, enfim, pelos dogmas instituídos pela Igreja do Ocidente medieval. Assim como, é possível percebermos também uma tendência a um novo modelo econômico. No entanto, cabe aqui deixar claro que não há um

³⁵ Idem, ibidem, p. 20-21.

sentido radicalizador que coloque diretamente o discurso cervantino em *Dom Quixote* numa linha voltada aos ideias burgueses, pois como observou Bakhtin “este processo está apenas começando em Cervantes”.³⁶

A partir do primeiro capítulo de *Dom Quixote* deparamo-nos com uma alusão do protagonista, o qual compara o ideal do cavaleiro andante das novelas com os ideias doutrinários da Igreja, isto é, aquele em função deste. Sendo assim, o cavaleiro romanesco, com o qual Alonso Quijano³⁷ havia tido contato através da leitura, estava acometido de um formato simbólico, cujo objetivo maior era a fé e a crença em princípios instituídos pela Igreja, tendo tal doutrina agido com predominância no pensamento do Ocidente Medieval, ultrapassado suas fronteiras. A nobreza e a Igreja medieval do Ocidente estavam a todo o tempo disputando o mando de poder ou, quando não, dialogavam entre si, tendo uma, a finalidade guerreira e a outra, a finalidade religiosa. Esse diálogo entre essas duas ordens, nos séculos em que a cavalaria era notória, teve todo um processo de construção que foi alicerçado por volta do ano mil com a campanha de conquista da Terra Santa através das Cruzadas. A cavalaria passava paulatinamente a ser confundida com a própria nobreza e essa confluência de valores religiosos e nobiliárquicos seria absorvida pelo cavaleiro romanesco. Em uma retrospectiva de inúmeros romances de cavalaria, Alonso Quijano se refere a Feliciano Silva, colocando-o na posição de melhor autor de romances de cavalaria, mas também o estabelecendo como propugnador dos ideias cristãos:

Dentre todos eles, nenhuns lhe pareciam tão bem como os compostos pelo famoso Feliciano Silva, porque a clareza da sua prosa e aquelas intrincadas razões suas lhe pareciam de pérolas, e mais, quando chegava a ler aqueles requebros e cartas de desafio [...] quando lia: “[...] os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrelas vos fortificam, e vos fazem merecedora do merecimento que merece a vossa grandeza”. Com essas razões perdia o pobre cavaleiro o juízo e desvelava-se por entendê-las e desentranhar-lhes o sentido [...]³⁸

³⁶ Idem, *Ibidem*, p. 20.

³⁷ Alonso Quijano é o nome do protagonista da obra de Cervantes. Quando ficou insano de tanto ler romances de cavalaria, mudou seu nome para Dom Quixote. Ver SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de La Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 31-32.

Feliciano Silva³⁹ seria o melhor representante da relação entre a doutrina cristã e a ordem de cavalaria. À primeira vista sim, no entanto, é bom evidenciar que este autor referenciado por Cervantes pertencia a um ciclo de romances de cavalaria do século XVI, que embora apresentasse características de uma religiosidade cristã, estava mais voltado para o fenômeno da humanística, inclinava-se para um afastamento da doutrina católica. Diante disso, Cervantes mostrar uma tradição romanesca propagadora do pensamento escolástico, motivada por servir a Deus: “os altos céus”. Entretanto, inverte sutilmente os valores, quando cita Feliciano Silva.

Cervantes, em seu realismo grotesco, embora mais tênue, como já observado antes (comparando-o à linguagem rabelaisiana), dissimula suas ações através da arte literária revelada pelo seu personagem. Sendo assim vale-se da loucura de Dom Quixote com a finalidade de legitimar sua crítica, a qual é exercida contra os princípios de uma cristandade que há séculos se expandia e era moldada, conduzida e regada ao gosto da Igreja Romana.

Embora a literatura cômica popular da Idade Média tivesse sofrido alterações quando da utilização por Cervantes, é possível afirmar que seus tentáculos encontram-se presentes ainda hoje em nossas manifestações culturais. O significado de sua forma de expressão em *Dom Quixote* traz à tona elementos não permitidos pelo poder oficial, dos quais faziam parte a nobreza feudal e a Igreja. O cômico passaria a representar, a dar vida a uma realidade reprimida. Essa representação era dissimulada mediante um papel ambivalente, através de uma linguagem de formas e símbolos, como, por exemplo, os que traduziam o carnaval e as manifestações populares em geral.

Mas, é preciso deixar claro que não apenas Cervantes satirizou romances de cavalaria e de forma indireta o pensamento do Ocidente Medieval. Outros também o fizeram. Podemos evidenciar, a exemplo, as paródias sobre contos de

³⁹ Feliciano Silva (século XVI) é um dos autores de romance de cavalaria que inaugurava uma nova fase no ciclo da “Saga dos cavaleiros”. Fase esta caracterizada por romances que tencionam uma ruptura com os padrões cristãos ou do amor instituído pela Igreja, caracterizando uma tendência a erotização das relações amorosas, a exemplo do romance *Amadis de Gaula*, de autoria desconhecida. Esses romances sofreriam a influência do Humanismo. Ver. MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

cavalaria, bem como as *paródias sacras*, sendo estas uma estratégia mais direta, se comparadas ao discurso cervantino.

A literatura cômica em língua vulgar era igualmente rica e mais diversificada ainda. Nela encontramos escritos análogos à *paródia sacra*; preces paródicas, homilias paródicas; (chamadas em França *sermons joyeux*), canções de Natal, lendas sagradas paródicas, etc. No entanto, o que dominava eram sobretudo as paródias e travestis laicos que escarneciam do regime feudal e sua epopéia heróica [...] Compõem-se romances de cavalaria paródicos, tais como *A mula sem freio*, *Aucassin et Nicolette*.⁴⁰

A partir dessa narrativa, focalizando elementos que permitem tal percepção, é possível se dirigir ao objetivo maior de Cervantes, uma vez que sua influência na literatura cômica popular já lhe legitimava na satirização ao cavaleiro romanesco, isto é, as obras de conto de cavalaria em geral. Na arte da literatura cervantina é visível a influência da ritualística do riso e do popular, da qual já alertava Bakhtin, quando se refere às paródias que durante o medievo ironizaram os dogmas e rituais da Igreja, tendo ainda a própria Idade Média trazido como experiência o exercício das paródias aos próprios romances de cavalaria, como foi o caso de *A mula sem freio* e *Aucassin et Nicolette*.

Ainda no primeiro capítulo, é possível entendermos a construção, por Cervantes, de um personagem insano, que no auge de sua loucura possui uma sagacidade muito precisa. A loucura de Alonso Quijano torna-se lucidez, ou, neste caso, o próprio discurso cervantino, à medida que questiona o poder maior celeste, o divino, o sobrenatural, do Deus uno cristão. O protagonista, embora embebido de uma vontade, despertada pelos contos de cavalaria, não conseguia compreender como a doutrina cristã não conseguia solucionar problemas tidos diante de sua insanidade como simples:

Não se entendia lá muito bem com as feridas que Dom Belianis dava e recebia, por imaginar que, por grandes facultativos que o tivessem curado, não deixaria de ter o rosto e todo o corpo cheio de cicatrizes e costuras. Porém, louvava no autor aquele acabar o seu livro com a promessa daquela

⁴⁰ BAKHTIN, op.cit., p.13.

inacabável aventura, e muitas vezes lhe veio desejo de pegar na pena, e finalizar ele a coisa ao pé da letra, como ali se promete [...]”⁴¹

Portanto, percebe-se uma vulgarização direcionada ao poder ideológico eclesiástico, o qual instituiu no Ocidente medieval uma vida serviente a Deus, a qual, mesmo que diante de uma vida terrena espinhosa, teria a promessa de uma vida eterna pós-morte. Para Dom Quixote, a doutrina infalível da fé não mais correspondia àquela realidade do século XVI para o XVII, lugar de que Cervantes fazia parte. Não lhe fazia sentido que simples ferimentos não pudessem desaparecer, diante de tanto poder difundido pela ideologia da fé.

Na loucura quixotesca o autor procurava rebaixar conceitos de uma alta plenitude até a terra, em um sentido de obter igualdade, objetivando com isso uma renovação. A insanidade do “Cavaleiro da Triste Figura” daria cabo do que não tinha resultado: “*muitas vezes lhe veio o desejo de pegar na pena*” e “*finalizar ele a coisa ao pé da letra*”. Num exercício em busca da razão, toda aquela filosofia de vida era passível de ser questionada, haja vista não se apresentar de forma mensurável diante dos olhos e sim sob o signo da fé. Portanto, *O Engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* aparece como fonte inesgotável de ideais libertários, cujo propósito era financiar um renascimento do mundo, ainda que trouxesse em seu discurso literário uma herança um pouco modificada da cultura cômica popular, visto que assimilava a concepção de um “realismo grotesco”, conquanto debilitado e de forma fragmentada.

Através do carnaval medieval as pessoas se igualavam. Nas festas oficiais não era permitido esse tipo de relação e sim o que existia era uma divisão. Através da degradação, Cervantes cumpre uma trajetória de reaproximação com a terra, em busca de um sentido regenerador de um corpo, um corpo preso aos vícios de uma “Idade das Trevas”. Seria um diálogo que representa o alto - divino e o baixo - a terra, almejando um nivelamento que tivesse como consequência a fertilidade, no sentido de fazer brotar a luz que clarearia uma nova forma de encarar a vida.

Dom Quixote torna-se um anti-herói, à medida que se contradiz à imagem do cavaleiro romanesco, negando a perspectiva dos escritores de romances de

⁴¹ SAAVEDRA, op.cit., p.32.

cavalaria, rompendo com o imaginário do heróico cavaleiro andante. Diante desse posicionamento, podemos constatar que há uma tentativa de mostrar que os contos de cavalaria formaram opinião em uma época em que não mais havia uma cavalaria que representasse tanta admiração quanto no seu auge e que os contos distorceram a figura do cavaleiro, a partir do momento através do qual houve o processo de imortalização de uma imagem que não mais correspondia àquela realidade do final do século XIII.

Estando os romances de cavalaria uma vez caracterizados como formadores de opinião, visto que foram criados dentro de preceitos cristãos, o cavaleiro romanesco do conto assumia, a partir desse momento, o papel de difusor, propalador dos ideais cristãos que antes eram pregados pelo próprio cavaleiro aliado à Igreja. Não obstante, podemos afirmar que a ordem de cavalaria não foi o único meio de propagação do cristianismo no medievo ocidental e sim um dos instrumentos utilizados pela Igreja para o referido propósito. O romance de cavalaria cria um herói e faz sua fama correr pelo mundo, tendo seus efeitos sido sentidos até os dias atuais. De certa forma, o conto romanesco podia interagir no sentido de moldar a forma de pensamento, de permitir que a mentalidade religiosa mantivesse sua estabilidade e continuasse a se expandir.

Diante desse olhar, é preciso entender que a Igreja medieval tinha um monitoramento sobre os tipos de leitura ou, por assim dizer, censurava e ditava o que era e o que não era permitido. E que também essa ordem religiosa compreendia o que podia ser utilizado em seu proveito. Por outro lado, como vimos antes, embora dispusesse do controle e do monopólio da leitura, do saber ler e da escrita e que o latim clássico estivesse sob sua égide, a Igreja não controlava todo o tipo de leitura ou todo o tipo de produção, ainda que tentasse, através do instrumento do medo ou que, referindo-se aos séculos XII e XIII, o acesso à leitura e o número de pessoas letradas fosse irrelevante fora do ambiente eclesiástico. Mas, também é preciso reconhecer que a Igreja foi responsável por custodiar e por manter a salvo os clássicos greco-romanos.

A partir da ruptura com o conto romanesco, de uma desmistificação do herói cavalariano das páginas, o discurso cervantino deixa escapar, em suas entrelinhas, que a opinião pública do Ocidente medieval foi moldada através

dessas tradições de leitura. O conto romanesco imortalizava um discurso e o trazia nutrido de uma concepção que há muito havia sido edificada pela Igreja. O romance de cavalaria era uma das vias que a Igreja dispunha para dar continuidade ao seu projeto de cristianização do Ocidente, ainda mais ao final do século XIII, quando a ordem de cavalaria, sua aliada, seria sobrelevada por uma força tecnicamente mais eficaz – a infantaria. O próprio Miguel de Cervantes havia servido à infantaria espanhola e teve contato com técnicas e equipamentos modernos, como a pólvora. Cervantes nega o discurso que se consolidou através das novelas e que construiu a “Lenda Dourada”, para, diante disso, anunciar a queda dos cavaleiros protetores e guerreiros a serviço de Deus, fazendo revelar que o único cavaleiro a serviço do cristianismo era o romanesco e, por isso, este, assumia características que desvirtuavam a imagem dos homens que serviram à Igreja. Mas, por outro lado, este cavaleiro andante simbólico permaneceria na jornada de sacralização do Ocidente medieval.

Nesse sentido, é possível afirmar que os contos de cavalaria foram um instrumento de impacto corrosivo contra qualquer tipo de pensamento que se insubordinasse diante da ideologia da fé. Sendo assim, de forma sutil, essas obras permitiram a continuidade de expansão da cristandade ocidental, uma vez que a cavalaria medieval acabou por receber outras várias influências até sua queda. Era mais do que necessário para a Igreja manter seu projeto de poderio e controle da sociedade e do pensamento ligado ao instrumento da fé. Até porque, se levarmos em consideração que os clássicos eram de acesso restrito, severamente controlados por essa ordem religiosa, nada mais elementar que num momento de censura, o clero pudesse se valer dos contos romanescos.

É bom deixar claro que os romances de cavalaria não assimilaram uma concepção cristã da noite para o dia, mas fizeram parte de todo um processo gradativo, que foi construído de forma paulatina, assimilando os ideais da nobreza, vinculando-se a esses valores de forma com maior veemência, a partir do final do século XIII. Os romances de cavalaria já se formavam durante o início de diálogo entre a Igreja e a nobreza por volta do ano mil, não propriamente no sentido do romance prosificado que temos hoje, mas pertencentes a uma tradição oral, fazendo parte do ciclo da fidalguia e da nobreza, como a exemplo, as canções de gesta, que, posteriormente, passaram para uma tradição escrita

(época do trovadorismo),⁴² tendo esta metamorfose só ocorrido no período do século XII para o século XIII. Sabe-se que os romances de cavalaria têm origem incerta, no entanto, a maioria dos autores referenciados apontam para uma maior possibilidade francesa ou inglesa.

Tem-se notícia que na Península Ibérica, sobretudo na região de Portugal, esses romances chegaram ao final do século XIII, sendo adaptações, em sua maioria advindas da França. No entanto, passavam de forma voluntária ou involuntária a se enquadrar na realidade histórico-cultural da região. Temos, nos estudiosos da literatura, a divisão das “sagas dos cavaleiros” em três ciclos: o *arturiano ou betrão*, o *carolíngio* e o *greco-romano*. Segundo Le Goff e Schmitt:

O herói romanesco é um jovem cavaleiro que descobre a si mesmo (descoberta às vezes emblematizada pela revelação tardia de seu nome, por muito tempo ignorado), que cumpre seu destino, que se revela aos outros e que cumpre seu lugar na sociedade – idealmente seu lugar ao redor da Távola Redonda – graças às aventuras que enfrenta e à demanda que persegue.⁴³

Portanto, percebemos uma tradição de cavalaria romanesca ligada ao ciclo arturiano. Ainda, a narrativa cervantina em *Dom Quixote* almeja uma purificação da “Idade das Trevas” através do universo clássico. No prólogo da obra podemos perceber esse anseio:

[...] no cabo de tantos anos, como há que durmo no silêncio do esquecimento, me saio agora, tendo já tão grande carga de anos às costas, com uma legenda seca como as palhas, falta de invenção, minguada de estilo, pobre de conceitos, e alheia a toda a erudição e doutrina, sem notas às margens, nem comentários no fim do livro, como vejo que estão por aí muitos outros livros (ainda que sejam fabulosos e profanos) tão cheios de sentença de Aristóteles, de Platão, e de toda a caterva de filósofos que levam a admiração ao ânimo dos leitores, e fazem que estes julguem os autores dos tais livros como homens lidos, eruditos e eloqüentes? Pois que quando citam a Divina Escritura, se dirá que são uns Santos Tomases, e outros doutores da

⁴² MOISÉS, op. cit., p. 32.

⁴³ Ver LE GOFF, Jaques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol I. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2002, p. 86.

Igreja, guardando nisto um decoro tão engenhoso, que em uma linha pintam um namorado distraído, e em outra fazem um sermãozinho tão cristão, que é mesmo um regalo lê-lo ou ouvi-lo.⁴⁴

O autor faz referência ao período em que estava preso em Sevilha (1602) e que coincidiu com a escrita de *Dom Quixote*, permitindo perceber, em sua perspicácia, a conexão entre esse período de cerceamento de liberdade com a prisão do pensamento imposta pela “Idade das Trevas”, cujas obras de Aristóteles e Platão, dentre outras, que permitiam ao leitor o exercício da razão, estavam sobrepujadas pela Igreja e que a filosofia de São Tomaz de Aquino e de Santo Agostinho tinham grande influência no pensamento medieval. Cervantes ainda dissimulava suas intenções quando se defendia da busca pelos autores clássicos: “[...] de tudo isto há de carecer o meu livro, porque nem tenho que notar nele a margem, nem tenho que comentar no fim, e ainda menos sei os autores que sigo nele.”⁴⁵, como que se justificasse ou tentasse esconder sua lucidez por trás da loucura quixotesca.

Para a professora da USP, Maria Augusta da Costa Vieira, especialista em literatura espanhola dos séculos XVI e XVII, sobretudo estudos referentes a Cervantes:

Com esse prólogo tan original, el autor del Quijote hace una confesión: em lugar de contar qué tiene la obra, el autor se centra em lo que le falta. Y ante esse proceso de desnudamiento, em contrapartida, el amigo le sugiere el uso del engaño. Pero si em esse plan, el engaño aparece como posibilidad, por outro lado, todo el distanciamiento del autor de si mismo y de su obra se reviste como algo auténtico y verdadero. Es como si la verdade de autor, a lo del prólogo, fuese seducida por la mentira del amigo⁴⁶.

Diante disso, é possível se perceber o jogo realizado através da dicotomia loucura / lucidez na obra. Para que o autor não fique e nem pareça comprometido com o que ele realmente tenta expressar, o amigo lhe sugere formas de dissimular, que dariam uma impressão fingida de que Cervantes estaria apenas

⁴⁴ SAAVEDRA, op.cit., p.14-15.

⁴⁵ SAAVEDRA, Idem, ibidem, p. 15.

⁴⁶ VIEIRA, Maria Augusta da Costa. Don Quijote: entre La historia y La ficción. In: **Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**. Vol II, nº 2. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 93.

adornando seu livro, fato, este, justificado através de suas lamentações diante desse amigo.

As novelas de cavalaria refletiam os ideais da nobreza feudal, a luta entre o bem e o mal (estabelecidos na campanha das Cruzadas). Transladavam ainda o que havia sido instituído na relação homem e mulher – o amor monogâmico, a fidelidade, a castidade, o amor cortez, idealizado e ainda complicado, muitas vezes impossíveis de serem vividos, levando ao sofrimento, mas ao mesmo tempo à purificação da alma. Daí a alma do cavaleiro ser investida de um valor forte e heróico - valores cristãos, que emergiram quando do contato entre a ordem religiosa e a nobreza. O romance apresentava todos esses princípios num plano exageradamente mais incisivo. Diante disso, a literatura cervantina, protagonizada pelo anti-herói Alonso Quijano, abria o romance moderno com um perfil arrasador, destruidor, voraz e carnívoro, no sentido de requerer, de romper com o padrão vigente, ao mesmo tempo em que tentava demonstrar a decadência das ordens que compunham o imaginário do feudalismo e dominaram o medievo ocidental, e que, portanto, os romances de cavalaria não correspondiam àquela realidade do final do século XIII. Ainda sim, podemos dizer que os romances de cavalaria assimilaram os princípios dessas duas ordens que dominaram o Ocidente medieval – a nobreza e a Igreja.

É preciso deixar claro que outros tipos de leitura ou produção de obras eram concebidas dentro da realidade medieval. Havia produções dentro dos mosteiros. O contato com a literatura árabe é outra forma de erradicação, embora a Igreja pudesse ter em mãos um instrumento capaz de propagar, ainda com maior contundência, após a queda da cavalaria, a expansão da cristandade pelo medievo ocidental. Ao mesmo tempo, tinha uma preocupação que fugia ao seu controle, isto é, via seus ideais minados e corroídos pelas diversas formas de expressão, fossem elas escritas ou através da própria tradição oral, que também influiria na formação de opinião.

De acordo com o historiador norte-americano Robert Darnton, especialista em história da França do século XVIII, numa linha de pesquisa voltada para a Nova História cultural: "a própria literatura pode ser vista como um sistema de comunicações [...] pertence a uma cultura geral, em que veículos de todo o tipo –

impressos, manuscritos, orais e visuais se entrecruzam e se interligam”.⁴⁷ Darnton, em *Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária* busca pesquisar a literatura clandestina do Antigo Regime, aquela que o Estado proibia sua veiculação e consumo. O referido historiador percebe que essas obras, ainda que fossem acessadas na clandestinidade, nos porões, às escondidas, também tiveram grande repercussão na formação intelectual do pensamento que se sublevaria contra o Antigo Regime.

Enquanto os arquivos oficiais apontavam para um Estado Absolutista solapado por uma literatura burguesa e iluminista, Darton revela, em um trabalho complicado de quantificação e de pesquisa documental, que o Antigo Regime não foi minado apenas pelo pensamento da Ilustração, mas também recebeu influências da literatura escandalosa e imoral, das fronteiras da obscuridade, de uma literatura omitida e apagada nos porões, no subterrâneo. Nesse sentido, fazendo uma ponte com a pesquisa de Darnton, podemos perceber que, nesse caso, sendo permitidos e acessados primordialmente em vias aristocráticas, os romances de cavalaria passariam posteriormente a se popularizar, já com uma carga de ideais nobres e cristãos que viriam a continuar o papel de expansão da cristandade pelo Ocidente medieval. Sendo assim, no caso da Revolução Francesa, a literatura iluminista ocultava qualquer tipo de elemento demolidor dos ideais burgueses. Já o romance de cavalaria ocultava princípios corrosivos aos preceitos doutrinários do pensamento sob o signo da Igreja Romana. Portanto, ainda que Cervantes buscasse denunciar o equívoco do cavaleiro romanesco, através de uma sátira que delataria o equívoco da “Saga dos cavaleiros”, a cristandade já via sendo desgastada por fendas que fugiam ao controle eclesiástico.

A própria literatura cômica popular e as formas de expressão da Idade Média ou até mesmo o que se produzia dentro dos mosteiros ajudaram a abrir uma fenda na estrutura da toda poderosa Igreja Romana. Portanto, a ordem religiosa esteve inerte diante de um processo cultural que jamais poderia ser compreendido como estático, pelo contrário, se transfigurava, tomando dimensões imprevisíveis. Portanto, a “Saga dos cavaleiros”, enfim a “Lenda

⁴⁷ DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia da Letras, 1998, p. 14.

Dourada”, configurou uma realidade e ajudou a determinar o curso dos acontecimentos.

Com o passar do tempo, a Igreja Romana tornou-se tão forte no processo de expansão de sua doutrina que formou um exército de multiplicadores, possibilitando ter na própria sociedade o seu braço, sem necessariamente se fazer muitas vezes presente. O capítulo em que Dom Quixote é armado cavaleiro, (ritual presidido pela Igreja no auge da cavalaria medieval), articula bem essa observação. O nosso protagonista, ao se dirigir até o vendeiro, proprietário do local em que aquele tinha pedido abrigo para passar a noite, ajoelha-se, solicitando ao proprietário que o arme cavaleiro, tendo este lhe dado como resposta que “[...] pela manhã, prazendo a Nosso Senhor, se fariam as devidas cerimônias, de maneira que ficasse armado cavaleiro, e tão cavaleiro como os mais cavaleiros do mundo”.⁴⁸ O vendeiro ainda se diverte às custas da loucura de Dom Quixote na realização de tal feito, significando a desmoralização de toda a ritualística. Ainda no ato de velar as armas, Alonso Quijano não dispunha de uma capela, mas como na estalagem “[...] não havia capela em que pudesse velar as armas, porque a tinham demolido para a reconstrução [...] poderem-se as armas velar onde quer que fosse em caso de necessidade.”⁴⁹ Portanto, está claro que os tentáculos da Igreja Romana alcançavam de forma simbólica os mais diversos lugares que estavam para além do seio da instituição, cumprindo assim o papel de representá-la.

Podemos evidenciar essa presença simbólica da Igreja no ritual de morte de Guilherme Marechal. Duby⁵⁰ percebe, em posse da documentação pesquisada, que a sociedade do Ocidente medieval seguia à risca os ensinamentos religiosos e nobres, enfim, os mandamentos da cavalaria, do mundo aristocrático, quando do preparo de sua morte, no leito de sua morada, diante de amigos, familiares e admiradores. Era um ritual estabelecido com a suntuosidade e religiosidade que compunham o imaginário da nobreza, a ponto de o cavaleiro ser celebrado, com toda uma ritualística de passagem e traslado, da alma do corpo para uma vida suprema. Outro fator notório é quanto à questão

⁴⁸ SAAVEDRA, op.cit., p.39.

⁴⁹ Idem, p. 39.

⁵⁰ Ver DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Trad. Renato Janine Ribeiro. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994.

de recompensa, nesses rituais, que a Igreja dispunha, pois grandes somas seriam depositadas em proveito da Instituição. A representação sacra tinha a finalidade de manter viva a tradição e a doutrina. Muitas vezes demoravam-se dias para que membros do clero se fizessem presentes, pois a Instituição, a essa altura, era consciente da submissão da sociedade às suas normas.

Diante de uma gravidade unilateral das correções espirituais, como por exemplo, o pecado da gula, teríamos dentro da obra uma afronta aos princípios cristãos instituídos também pela Igreja, através do personagem Sancho Pança, escudeiro do “Cavaleiro da Triste Figura”, representando, na obra *Dom Quixote*, uma revelação do riso como propositura do “realismo grotesco” que também visa um tipo de corretivo popular.

Um outro ponto de abordagem em *Dom Quixote*, que vai está diretamente ligado ao pensamento religioso, será a figura da mulher. Os romances de cavalaria passavam a seus leitores a visão de que havia sempre uma donzela em apuros (virgindade), de masmorras e prisões em torres de castelos, dos contos de fada, de príncipes encantados, do amor cortez, da relação monogâmica, características que compõem o universo da “Lenda Dourada” de forma bem mais contundente, mas que povoaram o ideal do medievo, sobretudo o ideal masculino. Daí Duby denominar o período de “Idade dos Homens”⁵¹. *Dom Quixote* não será indiferente em sua sátira a esse fenômeno, também inverterá os valores da mulher, na materialização da personagem Dulcinéia de Toboso ou quando se depara com meretrizes na estalagem e as confunde com damas da aristocracia. “[...] mas como se ouvirem chamar donzelas, coisa tão alheia ao seu modo de vida”⁵². A mulher da Idade Média estava moldada aos olhos da Igreja, em um universo que o masculino ditava o imaginário:

Para os primeiros Padres da Igreja, a virgindade sempre continha uma referência a Adão e Eva antes da Queda, um tempo quando, supunha-se, os sexos eram iguais devido à ausência de sexualidade. Jerônimo, por exemplo, fala do “paraíso da virgindade”. “No paraíso Eva era virgem”. Naturalmente Jerônimo não se refere a um tempo

⁵¹ Ver DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens: do amor e de outros ensaios**. Trad. Maria Helena Costa Dias. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994.

⁵² , op.cit., p.36.

histórico ou a um lugar geográfico, mas a um estado teológico do homem – O Estado angélico, assexuado de apatheia semelhante à noção agostiniana de virgens do ponto de vista técnico que reproduziam no Éden sem desejo ou prazer. Ambrósio também afirma que “nas virgens santas vemos a vida dos anjos que perdemos no paraíso”; e como mostrou Peter Brown, a condição “anormal” do corpo virgem fazia dele, como os anjos, um mediador entre o humano e o divino[...]⁵³

Portanto, chegamos à conclusão de que o estado de virgindade feminino fazia uma relação entre o humano e o divino, a ponto de Howard Bloch denominar de obsessão medieval pela virgindade. Uma vez adquirido os preceitos simbólicos cristãos, o cavaleiro seria também um irradiador desse discurso. Daí a presença das donzelas, das princesas, da mulher amada, já no mundo distorcido do cavaleiro romanesco. Sendo assim, a Igreja possuía mais uma forma materializada de sacralizar através da leitura desses romances.

⁵³ BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Trad. Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: 34, 1995, p. 125-126.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da acepção de que a relação cavalaria / Igreja Romana, durante a construção da estrutura feudal do Ocidente, sobreviveu através dos esforços de uma terceira ordem, a qual vivia exclusivamente para manter essas duas primeiras e levando-se em consideração que a cavalaria já no século XII compartilhava do mesmo ideário e fazia parte do círculo aristocrático da nobreza, é indubitável que a ordem eclesiástica soube muito bem tirar proveito desse processo. Embora essa relação estivesse repleta de atitudes recíprocas, o controle intelectual e das letras, enfim, da forma de pensar no medievo ocidental, foi um estratagema que suas bases remontaram a Roma do imperador Constantino, indo muito além dos séculos que representaram o ápice dessas duas grandiosas ordens.

A Igreja Católica construía, de forma lenta e eficaz, um forte discurso ideológico, reforçado através da criação de símbolos e do exercício de sua liturgia. Com isso fortalecia seu poder político e consolidava seu legado e doutrina. Ao passar do tempo, os preceitos cristãos encontravam-se difundidos tanto na ordem de cavalaria, como nos romances, haja vista que estes já vinham sendo construídos, ainda que numa tradição de oralidade, de forma que, quando da queda da ordem de cavalaria ao final do século XIII, já havia todo um terreno favorável em que o próprio imaginário nobre tentaria resgatar com saudosismo os tempos áureos, uma vez que estavam ultrapassados, tanto pelo aparato tecnológico, que começava a anunciar e abalar o poderio dessas duas ordens, quanto pela ruptura do próprio seio aristocrático, que passava a ser vulgarizado pelo acesso de pessoas menos favorecidas. A essas alturas, a literatura já havia se apropriado da cavalaria e sagrado heróis emblemáticos num processo a que Le Goff arriscou nomear de mitologia.

Portanto, diante desta pesquisa foi possível se chegar à conclusão de que o cavaleiro romanesco representou uma via de fuga da decadência, tanto do poderio da Igreja, como da própria nobreza. Diante de um processo de fragmentação, que anunciava a gradativa decomposição feudal, as duas ordens que dominaram o medievo ocidental puderam resistir através desses romances, conquanto de forma mais branda, quando confrontamos esse período de

resistência com o período de maior relevância da cavalaria. Ainda sim, continuaria a sacralização do Ocidente medieval, através do inconsciente coletivo. Entretanto, estava inserido, com o processo de decomposição feudal, o embrião que romperia, séculos mais tarde, com a forma de pensamento que predominou sobre aquela sociedade.

Com sua genialidade, Cervantes, em pleno século XVII, tenta romper com esse pensamento. Sorrateiramente pôde criticar de forma ferrenha, tanto a Igreja como a nobreza, e conseqüentemente, pôde demonstrar uma caminho de ressignificação da “Lenda Dourada”. Por outro lado, não deixou de criar uma via de mão dupla que acabou reforçando a idéia de homogeneidade e de obscurantismo medieval, tão combatida pelo historiador Jaques Le Goff. Todavia é preciso também termos consciência de que Cervantes e Le Goff pertenceram a lugares e tempos distintos. Não obstante, o cavaleiro romanesco foi o símbolo de uma ordem e de um pensamento que insistiu em não reconhecer seu declínio. Declínio, este, que significaria no discurso cervantino, a morte de Deus – uma tentativa de trazer à tona a razão e a experimentação, enfim de tornar o homem o irradiador da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. 3. ed. São Paulo; Brasília: Hucitec, 1996.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Trad. Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: 34, 1995, p. 125-126.

BURGUIÈRE, André. Mentalidades. In: **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 528-536.

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo: templários, teutônicos, hospitalários, e outras ordens militares na Idade Média (sécs XI-XVI)**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Trad. Maria Helena Costa Dias. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Trad. Renato Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. Trad. Jônatas Batista Neto. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓES, Denise. **Cervantes: uma vida de tinta e sangue**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/entrelivros/>. Acesso em 25 set. 2009.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Vol. I. Trad. Manuel Ruas. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. **A civilização do Ocidente medieval**. Vol. II. Trad. Manuel Ruas. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude. Cavalaria. In: **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol I. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2002, p. 185-198.

_____. Feudalismo. In: **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol I. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2002, p. 437-454.

_____. Idade Média. In: **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol I. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2002, p. 537-550.

_____. Jerusalém e as Cruzadas. In: **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol II. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2002, p. 7-23.

LEVEQUE, Pierre. **As primeiras civilizações**. Vol II. Mesopotâmia / Os Hititas. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 121-137.

LIMA, Marinalva Vilar de. **Loas que carpem**: a morte na literatura de cordel. 2003. 208 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **A literatura portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Trad. Ana Moura. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha**. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

SARAIVA, António José. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FREITAS, Maria Teresa de. **Literatura e história**: o romance revolucionário de André Malraux. São Paulo: Atual, 1986.

THEODORO, Janice. As cidades na época dos descobrimentos. In: **Pensadores, exploradores e mercados dos mares, oceanos e continentes**. São Paulo: Scipione, 1998, p. 25-38.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. A incrível atualidade de Dom Quixote. In: **Discutindo literatura**. Ano 2, nº 7. Escala Educacional, s/d, p. 15-19.

_____. Don Quijote: entre La historia y La ficción. In: **Fragmentos**: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras. Vol II, nº 2. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 88-94.

ANEXO

CRONOGRAMA

DATA	DESCRIÇÃO
1547	Nascimento de Miguel de Cervantes Saavedra, o quarto filho de Rodrigo Cervantes e Leonor Cortinas.
1551	Seu pai Rodrigo Cervantes é preso por motivo de dívidas.
1566	A família se instala em Madrid.
1569	Após incidente, no qual teria ferido um homem, Cervantes deixa Madrid e vai morar em Roma.
1571	Participa da Batalha de Lepanto contra os turcos. Ferido em combate, tem a mão esquerda inutilizada.
1575	É capturado por corsários e em seguida levado para Argel, com seu irmão também de nome Rodrigo, onde fica durante 5 anos em cativeiro.
1581	Vai para Lisboa, onde escreve peças de teatros.
1584	De um romance com Ana Franca, nasce Isabel de Saavedra. Casa-se com Catalina de Palácios Salazar.
1587	É nomeado comissário real encarregado de recolher azeite e trigo para a Armada invencível.
1593	Morte de sua mãe. Publicação do romance <i>La casa de los celos</i> .
1597	É preso em Sevilha, após ser condenado a pagar dívida exorbitante.
1598	Deixa a prisão. Morte de Ana Franca.
1605	É publicada a primeira parte de <i>Dom Quixote</i> .
1613	Ingressa na Ordem Terceira de São Francisco. Publicação de <i>Novelas exemplares</i> .
1614	Surge uma continuação de <i>Dom Quixote</i> escrita por um falsário conhecido por Avellaneda.
1615	Cervantes publica a segunda parte de <i>Dom Quixote</i> .
1616	Morre em Madrid, no dia 22 de abril.